

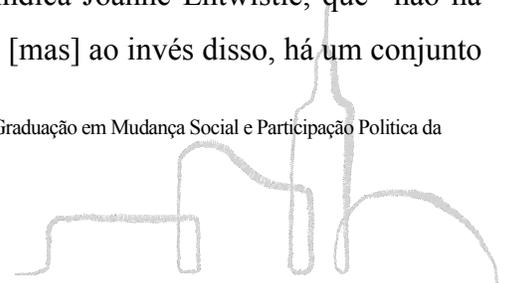
DA TRANSCESTRALIDADE AO TRAVIARCADO: MODA, IMAGEM E CORPORALIDADES TRAVESTIS

Meneses, Emerson Silva; Dr.; Centro Universitário Senac, emer.meneses@gmail.com¹

RESUMO

Em artigo recente, Meneses (2024) discutiu a relação entre as artes (sobretudo cênicas) e as travestilidades no Brasil, ao distinguir três paradigmas de inserção na sociedade experimentados por diferentes gerações de artistas travestis que tiveram lugar ao longo do século XX e início do XXI: a *transculturalidade*, a *travestilândia* e o *traviarcado*. Essa distinção permite interpretar e compreender melhor o papel das artistas travestis pertencentes ao *traviarcado*, terceiro e atual paradigma: se de um lado elas alimentaram a mudança social com um trabalho ao mesmo tempo artístico e político, de outro esse papel só pode ser entendido como resultado de um processo histórico, em que a contribuição de artistas dos outros dois paradigmas deve ser igualmente reconhecida. No presente trabalho pretendemos complementar a análise de Meneses (2024), destacando um aspecto que não foi enfatizado em sua discussão: o papel exercido pela moda na afirmação das identidades de cada um desses paradigmas. O pressuposto teórico é que a moda pode ser o que Teresa De Lauretis (1994) nomeou tecnologia de gênero, isto é, um dispositivo ou mecanismo por meio do qual são acionados práticas e discursos voltados a produzir sujeitos que se encaixem como homens, de um lado, ou mulheres, de outro. Ela é, assim, um dos recursos à disposição de travestis e pessoas trans (artistas ou não) para a construção quer da imagem por elas desejada, quer daquela imposta por exigências sociais de “passabilidade”, isto é, de corpos claramente e binariamente generificados. Neste sentido é que nos propomos a analisar, em artistas pertencentes aos três paradigmas mencionados, as regularidades e recorrências no uso de signos da moda – seja por meio de procedimentos biotecnológicos e corporalidades protéticas (Preciado, 2014), seja por escolhas vestimentares de afirmação e reiteração do gênero. Metodologicamente, a análise se baseia em revisão bibliográfica abarcando textos acadêmicos e não acadêmicos, e sobretudo no levantamento e interpretação de imagens fotográficas de artistas travestis dos diferentes paradigmas. Ainda que saibamos, como indica Joanne Entwistle, que “não há ligação natural entre um item de roupa e a feminilidade e a masculinidade, [mas] ao invés disso, há um conjunto

¹ Professor do curso de bacharelado em Design de Moda do Centro Universitário Senac. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).



arbitrário de associações que são culturalmente específicas” (Entwistle, 2000, p. 143), nos propomos a examinar como a moda se constitui como uma forte aliada nas composições das corporalidades de pessoas trans e travestis no decorrer da história, transformando-as não apenas em sujeitas arquivadas da história mas em arquivistas de suas existências, como dito por Vi Grunvald (2024).

Palavras-chave: Moda; Dissidências de gênero; Imagem.

Referências

- ENTWISTLE, Joanne. **The fashioned body: fashion, dress and modern social theory**. Cambridge (UK): Polity, 2000.
- GRUNVALD, Vi. (Con)fabulações transestrais e(m) arquivos contra a natureza. *Cult*, São Paulo, ano 27, edição 304, 2024, p. 25-28.
- MENESES, Emerson Silva. Trancestralidade, travestilândia, traviarcado: o palco e as dissidências de gênero no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, vol. 14., n. 2, 2024.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- LAURETIS, Teresa de. **Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

